

# ARTIGOS

---

## ARISTÓTELES E OS ÍNDIOS AMERICANOS:

### Um estudo do preconceito de raça no Mundo Moderno (\*).

---

"Tôda cultura parece, ao amadurecer, produzir seus próprios debates sôbre as idéias que a preocupam: salvação, a ordem da natureza, dinheiro, poder, sexo, a máquina e o mais. O debate verdadeiramente pode ser dito à própria cultura, ao menos nos seus níveis mais elevados, pois uma cultura alcança identidade, não tanto através de um setor particular de convicções como através da emergência de seus diálogos peculiares e distintos... A história intelectual prôpriamente conduzida, expõe não apenas as idéias dominantes de um período, ou de uma nação, mas muito mais importante, as discussões dominantes sôbre estas idéias. Ou, mais austeramente: o historiador não olha apenas para os termos mais evidentes do discurso, mas também para os fêrmos que se lhe opõem, para a própria oposição, que conduz o discurso à frente. O historiador olha, também, para a coloração ou descoloração que as idéias receberiam num contacto às vêzes doloroso com a oposição".

"Ao examinar a personalidade e tendências dos homens empenhados em debate em qualquer evento histórico, o historiador está apto a descobrir que o desenvolvimento da cultura em questão parece uma conversação demorada e longa: ou melhor um diálogo — um diálogo que às vêzes chega bem perto do drama".

R. W. B. Lewis, *The American Adam Innocence, Tragedy and Tradition in the Nineteenth Century* (Chicago, 1955), pp. 1-2.

#### IN MEMORIAN

Aos meus amigos que me introduziram na cultura brasileira há vinte anos atrás, com a generosidade e a cordialidade característica do seu país.

Mário de Andrade  
Monteiro Lobato  
Afrânio Peixoto  
Arthur Ramos  
Edgard Roquette Pinto  
Roberto Simonsen.

\*

#### INTRODUÇÃO

Escritos recentes, sôbre a conquista espanhola da América bem ilustram o velho axioma que o trabalho do historiador nunca está pronto e que a história do passado precisa ser constantemente revista. Com freqüência esta revisão é feita ao se descobrir novas fontes. Outras vêzes, material bem conhe-

---

(\*) . — Texto inglês traduzido por Maria Lúcia Galvão Carneiro (*Nota da Redação*).

cido permite novas interpretações. No presente trabalho tentei usar todos os documentos aproveitáveis do assunto, inclusive alguns manuscritos inexplorados até agora, e examinar tôdas as interpretações como uma preliminar à exposição de minhas idéias. E como no “O Passado é Prólogo”, tentei indicar que as idéias surgidas em 1550 são importantes no presente.

A influência das concepções geográficas de Aristóteles na descoberta da América são há muito conhecidas (1) mas apenas em anos recentes que a aplicação de sua doutrina de escravidão natural aos índios americanos durante a conquista espanhola, tem sido estudada sèriamente. Falando de um modo geral, não havia verdadeiro preconceito de raça antes do século XV, pois a humanidade não estava dividida em raças antagonicas, mas em “Cristãos e infiéis” (2). A expansão da Europa para a África, América e o Este mudou tudo isso, assim a história da experiência espanhola tem valor para os que querem entender o aparecimento do conceito de raças na cena mundial (3).

Um dos episódios mais curiosos da história intelectual do Ocidente ocorreu quando dois espanhóis notáveis — Bartolomé de las Casas e Juan Ginés de Sepulveda — encontraram-se em Valladolid em 1550 a debater este aparecimento. Então, pela primeira, e, talvez pela última vez, uma nação colonizadora organizou um inquérito para saber da justiça dos métodos que estavam sendo usados na expansão do seu império. Pela primeira vez, também, no mundo moderno vê-se uma tentativa para estigmatizar uma raça inteira como inferior, como escravos de nascimento, de acôrdo com a teoria elaborada séculos antes por Aristóteles. A amarga disputa da questão, a influência exercida pela controvérsia na política da Corôa espanhola na América, a aplicação da doutrina por outros povos mais tarde, o significado dessa luta do século XVI no nosso tempo, formam a substância dêste ensaio.

Recebi muito auxílio no seu preparo. Rendo especial tributo àquêles a quem tive que desagradar: Angel Losada, Edmundo O’Gormane, Robert E. Quirk. Cada um, à sua maneira, me estimulou a reexaminar meus estudos prévios da complicada história da disputa de Valladolid. Além de minha espôsa, outros a quem tenho uma dívida de gratidão: R. Pierce Beaver, Charles

---

(1). — Charles Jourdain, *De l’influence d’Aristote et de ses interprètes sur la découverte du nouveau monde* (Paris, 1861).

(2). — Juan Comas, *Racial Myths* (Paris, 1951) p. 7.

(3). — Melvin Conant, *Race Issues on the World Scene* (Honolulu, 1955), p. 130.

Julian e Lucretia Bishno, Charles R. Boscer, Vicenta Cortes, José Cuellar, James Cummins, Ricardo Donoso, Charles Eastlack, Alfonso Garcia Gallo, Charles Gibson, Manuel Gimenez Fernandez, Otis Green, Peter S. Hanke, R. A. Humphreys, Javier Malagon, Garret Mattingly, Gilbert McAllister, José de La Peña, Francis M. Rogers, John H. Bowe, Lota M e J. R. Spell, Frank M. Wardlaw, Wilcomb E. Washburn e Schafer Williams. O Instituto de Pesquisas da Universidade do Texas forneceu fundos para o trabalho de secretaria, e a Sra. Ona Kay Stephenson datilografou bem e fielmente inúmeras páginas.

Seria enganoso sugerir que tôdas estas pessoas aprovam completamente o texto dêste livro. Não é assim, nem seria de esperar encontrar-se concordância num tão grandemente debatido evento histórico.

Lewis Hank

Austin, Texas  
Novembro, 1957.

## I

### AMÉRICA E FANTASIA.

À primeira vista a junção de Aristóteles e os índios americanos parece absurda e sem significado. Pode-se perguntar como os espanhóis do século XVI puderam aplicar as idéias de um grego, que viveu 4 séculos antes de Cristo, aos problemas de sua conquista da América. Que disse Aristóteles que pudesse ter importância para os índios? A explicação é simples. A visão de um mundo vasto e desconhecido habitado por gente estranha levou os espanhóis a avançarem através dêle sustentando a cruz e perguntando a si mesmos quem era esta gente. Ao perguntar isto viram-se face a face com uma questão que Aristóteles nunca enfrentou. Como deveriam os cristãos se conduzir com gente diferente em côr, cultura e religião? A autoridade de Aristóteles permanecia tão forte entre os pensadores cristãos que alguns espanhóis eminentes não hesitaram em aplicar sua doutrina de escravidão natural aos índios. Outros descobriram que a experiência e os dogmas do passado apenas em parte ajudavam a resolver as questões morais surgidas com a descoberta da América.

A Europa naturalmente tinha acumulado alguma experiência no trato com infiéis durante a vagarosa expansão das fon-

teiras durante o período medieval, que trouxera um pouco de luz a alguns acontecimentos da conquista do Novo Mundo (1). Os espanhóis e portugueses passaram por um longo período de contacto íntimo com os cultíssimos árabes, tendo uma influência decisiva no seu modo de vida. Os judeus também tiveram uma parte importante nessa osmose pacífica e cultural que distinguiu certos períodos da história ibérica no fim da Idade Média. Durante o século XV os espanhóis confrontaram-se no curso da conquista das Ilhas Canárias com povos de costumes e religião diferentes da sua. Entretanto, nestas ilhas desenvolveram-se disputas a respeito do tratamento dado aos indígenas que sugeriram discussões na América no século XVI (2). Portugal, como o grande explorador da África, trouxe à Europa um conhecimento mais profundo desses povos estranhos. Ordinariamente os portugueses escravizavam sem muita pena os nativos que encontravam, acreditando que a sujeição física sofrida nesse processo era insignificante comparada aos benefícios da conversão (3). Em compensação, os portugueses tiveram pela frente na África durante longo tempo inimigos geopolíticos e religiosos e fizeram a guerra como uma cruzada nacional com inteiro apêlo papal (4). Foram os espanhóis os primeiros a com-

- 
- (1). — James Westfall Thompson, *Feudal Germany* (Chicago, 1928), pp. 401-402, 488-489.
  - (2). — Dominik Josef Wörfel, "La curia romana y la corona de España en la defensa de los aborígenes canarios": *Anthropos*, XXV (Viena, 1930), 1011-1083. O missionário e místico catalão, Ramón Lull, pode ser responsabilizado pelo envio de eclesiásticos às Ilhas Canárias e pela aplicação lá de métodos de conversão pacíficos. Este é o ponto de vista sustentado por Elías Serra Rafols na "La missió de R. Lull i els missioners mallorquins del segle XIV". (Maiorca, 1954), como revisto na *Revista de Història*, XXII, n.ºs 105-108. (La Laguna de Tenerife, 1954), pp. 184-185. Joaquín Xirau aponta o paralelo entre as idéias de Lull e Las Casas, "Ramón Lull y la utopia española", *Asomante* (Pôrto Rico, 1945), n.º 3, p. 43; n.º 4, p. 45. O estudo mais recente é de Ramón Suredas de Franch *Raymond Lulle: Docteur des Missions* (Friburgo, 1954). É interessante notar que Lull admitia "la possibilité de l'emploi de la force contre les infidèles — non pas pour les convertir, mais pour rendre possible la prédication", (p. 80).
  - (3). — Sidney R. Welch, *Europe's Discovery of South Africa* (Cidade do Cabo e Johannesburg, 1935), pp. 112-113-148.
  - (4). — Referindo-se aos escravos negros trazidos da África, Azurara estabeleceu: "...posto que os seus corpos stevessem em alguma sojeição, esto era pequenas cousa em comparação das suas almas, que eternalmente avyam de possuyr verdadeira soltura", *Chronica do descobrimento de Guiné*, cap. XIV. Um estudo recente é o de Margarida Barradas Carvalho, "L'idéologie religieuse dans *La Crónica de Guiné*", *Bulletin des études portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, nova série, XIX (Lisboa, 1957), 34-63. Quando os portugueses chegaram à Índia, a situação era inteiramente diferente, pois lá encontraram hindus e não mouros, contra os quais deviam "lutar incensantemente". Afonso de Albuquerque instruiu Frei Luis para tratar os hindus bem, H. Morse Stephens, *Albuquerque* (Oxford, 1879), pp. 65-66.

preender a necessidade de obedecer às leis cristãs nas suas relações com os indígenas que encontravam.

Os povos da África e Ásia ficaram conhecidos na Europa através da considerável literatura popular sôbre viagens aparecida nos fins do século XV e nos primeiros anos do século XVI quando a imprensa tornava-se um poder e a expansão espanhola estava em marcha (5). Pelo contrário, a América no princípio interessou pouco à Europa, talvez pela escassês relativa de publicações sôbre as terras recentemente descobertas.

No século XVI a arte e a literatura espanhola refletiam de um modo fraco os tumultuosos eventos ocorridos além mar (6). Assim os expressivos feitos das armas espanholas levaram o México e Perú a cair sob o poder espanhol e como espanhóis de diversas categorias tomavam parte na conquista, a verdadeira significação dessas novas possessões gradualmente tornou-se melhor compreendida no meado do século XVI o historiador Francisco López de Gómara, considerava a descoberta da América como o maior acontecimento desde a vinda do Cristo (7).

Os espanhóis que só então viam a América não só ficaram tremendamente estimulados e excitados mas tenderam a olhar

---

(5). — Uma boa quantidade desta literatura é encontrada num livro revisto por Francis N. Rogers, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, LXXXIII, n.ºs 7-9. (Lisboa, 1955), pp. 405-410.

(6). — A indiferença portuguesa foi estudada finalmente por Fidelino de Figueiredo, "A épica portuguesa no século XVI: Subsídios documentais para uma teoria geral da epopéia", *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras*, CI, Letras n.º 6 (São Paulo, 1950), pp. 14-15. Para as restrições espanholas com respeito à América, ver Marcos A. Morínigo, *América en el teatro de Lope de Vega* (Buenos Aires, 1946), pp. 11-54. Um sumário pode ser visto em Angél Franco, *El tempo de América en los autores españoles del siglo de oro* (Madri, 1954). Filipe II possuía muitos poucos objetos de arte trazidos da América em sua vasta coleção, de acôrdo com *Inventario hecho al muerte de Filipe II* no Museu do Prado. O Sr. F. J. Sánchez Canton, diretor do museu, teve a bondade de mostrar-me este importante documento.

Os franceses também demonstraram pequeno interêsse pelo Novo Mundo, de acôrdo com Geoffroy Atkinson, *Les nouveaux horizons de la Renaissance* (Paris, 1935). Eram impressos na Turquia duas vezes mais livros no período de 1480-1609 do que nas Américas do Norte e Sul juntas. Eram publicadas dez vêzes mais brochuras sôbre acontecimentos na Turquia. Livros nas Índias Orientais e Ásia geralmente sobrepujavam os da América (pp. 10-11). Nem a Itália estava grandemente interessada, de acôrdo com Rosario Lomeo, *Le scoperte americane nella coscienza italiana del Cinquecento* (Milão — Nápoles, 1954).

(7). — Francisco López de Gómara, *Hispania Victrix. Primera y segunda parte de la Historia general de las Indias* (Saragoça, 1552). A declaração aparece na primeira sentença da dedicatória ao Imperador Carlos V e diz: "Muy soberano Señor: La mayor cosa después de la creación del mundo, sacando la encarnación y muerte del que lo crió, es el descubrimiento de Indias; y así, las llaman Mundo-Nuevo". Ver também Pedro Borges, "El sentido transcendente del descubrimiento y conversión de Indias", *Missionalia Hispanica*, XIII (Madri, 1956), 141-177.

o Novo Mundo através de óculos medievais (8). A riqueza de idéias e lendas desenvolvidas tão luxuriosamente na Idade Média transferiu-se imediatamente para América; e esta influência medieval ficou marcada principalmente nos primeiros anos da descoberta e da conquista (9). Colombo afirmava ter descoberto o paraíso terrestre, enquanto outros procuravam pela fonte da juventude ou tentavam localizar — na região de Nebraska e do Dakota — as Sete Cidades Encantadas que acreditava-se terem sido fundado por sete bispos portugueses que lá se refugiaram quando os árabes invadiram a península Ibérica. A cabeça do Almirante estava cheia de lendas e alusões, pois sempre o achávamos nomeando as Ilhas Virgens depois Santa Úrsula e suas companheiras as onze mil virgens marítimas (10). Colombo também perguntou pelos monstros que deveriam ser encontrados na Espanhola quando lá aportou pela primeira vez em 1493 (11), e Fernando Cortez enviou ao Impera-

- (8). — Luís Weckmann, "The Middle Ages in the Conquest of America", *Speculum*, XXVI (1951), n.º 1, pp. 130-141. Claudio Sánchez Albornoz apresentou muitas idéias sugestivas no seu ensaio "La edad media y la empresa de América", em *España y el Islam* (Buenos Aires, 1943), pp. 181-199. Estudos vivos sobre o assunto são os de Irving A. Leonard, "Conquerors and Amazons in Mexico", *Hispanic American Historical Review*, XXIV (1944), 561-579; Otis H. Green, "Notes on the Pizarro Trilogy of Tirso de Molina", *Hispanic Review*, IV (1936), 208-209; e Afonso Arinos de Melo Franco, *O índio brasileiro e a revolução francesa* (Rio de Janeiro, 1937). Sobre a persistência do lendário paraíso terrestre a ser achado no Atlântico, ver George Boas, *Essays on Primitivism and Related Ideas in the Middle Ages* (Baltimore, 1948), p. 172. George P. Hammond recentemente demonstrou que as idéias fantásticas persistiram durante todo o primeiro século da conquista e que "estas histórias fabulosas eram invenção integral dos tempos da descoberta da América e da conquista dos seus povos nativos. "The Search for the Fabulous in the Settlement of the Southwest", *Utah Historical Quarterly*, XXIV (1956), 19. Uma idéia grandemente apreciada era de que São Tomás cristianizara o Novo Mundo séculos antes. Nas cartas de um alemão (c. 1514) dizia-se que os índios encontrados pelos portugueses no Brasil estavam ansiosos para se dirigirem para o interior. Os indígenas também tinham fantasias estranhas sobre a Europa, pois os portugueses que retornavam com seus porões "carregados com pau brasil e suas cobertas cheias de moças e rapazes índios que custavam aos portugueses muito pouco, pois, grande parte deles oferecia-se voluntariamente, pois este povo acreditava estarem os seus jovens viajando para a terra da Promissão". *Tidings out of Brazil*. Tradução de Mark Graubard. Comentário e notas por John Parker (Minneapolis, 1957), p. 34.
- (9). — Para opiniões gerais, ver Carmelo Viñas y Mey "El espíritu castellano de aventura y empresa y la España de los Reyes Católicos", *Archivo del Derecho Público*, V (Granada, 1952), 13-83. Ida Rodriguez Prampolini, *Amaldiões em América. La hazaña de Indias como empresa caballeresca* (México, 1948).
- (10). — S. E. Morison, *The Second Voyage of Christopher Columbus from Cadiz to Hispaniola and the Discovery of the Lesser Antilles* (Oxford, 1939), pp. 91-94 dá um relato divertido sobre as aventuras marítimas destas virgens.
- (11). — Leonardo Olschki, "Ponce de León's Fountain of Youth: a History of a Geographical Myth", *Hispanic American Historical Review*, XXI (1941), 384. Em 1528 António de Villasante obteve o privilégio de vender certas drogas que descobrira na ilha Hispaniola, uma das quais era o maravilhoso

dor Carlos V em 1522 não apenas presa considerável, mas uma carta contando seus grandes feitos no México com também algumas amostras de ossos de gigantes que lá encontrara (12).

Os capitães espanhóis seguiam para as suas conquistas esperando encontrar muitas espécies de seres míticos e monstros tirados da literatura medieval: gigantes, pigmeus, dragões, grifos, meninos de cabelos brancos, mulheres barbadas, seres humanos com caudas, criaturas sem cabeças, com olhos no estômago ou peito, e outras figuras fabulosas. Durante 200 anos, um grande reservatório de idéias curiosas sobre homens e semi-homens formava-se na Europa, e livremente se espalhava na América. Santo Agostinho na sua **Cidade de Deus** tinha um capítulo inteiro sobre: “Como os descendentes de Adão ou os filhos de Noé produziram raças monstruosas de homens” e assim no fim do século XV uma grande quantidade de idéias fantásticas estavam prontas para serem usadas na América. Os macacos com trombetas de sôpro por exemplo, formam parte de um ciclo pictórico definido e perdido, combinando seres do mundo da fábula com as bestas exóticas dos Bestiários e as Maravilhas do Este” (13).

Não surpreenderá, entretanto, saber que o antigo historiador Gonzalo Fernández de Oviedo ouvira falar de um macaco peruano que “não era menos extraordinário que os dragões”, pois êle tinha uma longa cauda, com a metade superior do corpo coberta de penas coloridas e a metade inferior de espesso pelo avermelhado. Podia cantar “quando sentia necessidade disso”, com os mesmos tons doces de um rouxinol ou de uma cotovia (14).

Homens selvagens também prenderam a imaginação popular durante a Idade Média (15). Eram vistos em guarnições de igrejas, em decorações para manuscritos, e em tapeçarias como homens ferozes e selvagens vencendo leões com mãos nuas ou esmagando-lhes os crânios com árvores ou clavas poderosas. Figuras de homens selvagens ornaram o umbral

---

“óleo que evitava a velhice”, José Pérez de Barradas, “De cómo los españoles descubrieron la medicina de los indios, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CXXV — Madri, 1949), 260.

(12). — Luis Nicolau d'Oliver, *Fray Bernardino de Sahagún (1499-1590)*, (México, 1952), p. 144.

(13). — H. W. Janson, *Apes and Ape Lore in the Middle Ages and the Renaissance*, (Londres, 1952), pp. 74-75. Ver também Otis H. Green, “Lo de tu abuela com el ximio (Celestina, Auto 1), *Hispanic Review*, XXIV (1956), 1-12.

(14). — *The Golden Land*, editado por Harriet de Onís (Nova York, 1948), pp. 7-8.

(15). — Richard Bernheimer, *Wild Men in the Middle Ages* (Cambridge, Mass., 1952), pp. 1-2, 20.

da porta do mosteiro de São Gregório do século XV em Valladolid, no qual Las Casas viveu em 1550 durante a disputa com Sepúlveda (16). O motivo do selvagem era muito usado na Espanha, cruzou o Atlântico com os artistas espanhóis e pode ser visto em ornamentos da Casa del Montejo em Yucatan, construída em 1549 (17). Selvagens também suportam as armas de Carlos V em Tlaxcala (18). Dada esta mistura medieval de homem, besta, e criatura mística, não nos surpreenderá achar numa edição de 1498 de João de Hollywood, **Sphaera Mundi**, descrições dos habitantes do Novo Mundo como sendo “azuis de côr e com cabeças quadradas” (19). Uma das mais antigas pinturas dos nativos americanos, entalhada em madeira mais ou menos em 1505, mostra o mesmo espírito fantástico (20).

Na ilustração lê-se o que segue:

“Andam nós, homens e mulheres, têm corpos bem feitos, de uma côr quase vermelha, fazem buracos nas faces, lábios, narinas e orelhas e enchem êsses buracos com pedras azuis, cristais, mármore e alabastro muito fino e belo. Êste costume é seguido apenas pelos homens. Não têm propriedade privada, tôdas as coisas são comuns. Vivem juntos sem rei e sem govêrno, e cada um é seu próprio senhor. Tomam por espôsas as que vêm primeiro e em tudo isso não têm leis. Também guerreiam entre si, sem arte e sem regra. Comem-se uns aos outros, àquêles que escravizam comem, pois a carne humana é alimento comum. Salga-se a carne humana em casas onde é posta a secar. Vivem cento e cinqüenta anos e raramente ficam doentes” (21).

Concepções dos nativos ainda mais imaginosas eram tidas por alguns capitães espanhóis. O Governador Diego Velázquez, a despeito de seus anos de experiência em Cuba, instruiu Fernando Cortez para procurar por estranhos seres com grandes orelhas chatas e outros com cara de cão que esperava existissem na terra azteca. Francisco de Orellana foi tão po-

(16). — *Ibid.*, fig. 49.

(17). — *Ibid.*, p. 179.

(18). — Elizabeth Wilder Weismann, *México in Sculpture* (Cambridge, Mass., 1950), fig. 19.

(19). — E. P. Goldschmidt, “Not in Harrisse”, in *Essays Honoring Lawrence C. Wroth* (Portland, Maine, 1951), p. 140.

(20). — Wilberforce Eames, “Description of a Wood Engraving, Illustrating the South American Indians (1505)”, *Bulletin of the New York Public Library* XXXVI (Setembro, 1922), n.º 9, pp. 755-760.

(21). — *Ibid.*, p. 759.

sitivo no dizer ter encontrado mulheres guerreiras na sua famosa viagem de 1540 que o mais poderoso rio da América do Sul foi chamado o Amazonas. O diabo, mesmo, poderia ser encontrado, acreditavam alguns, numa certa ilha do Mar das Caraibas, mas para contrabalançar isto achamos informes que o apóstolo São Jaime, santo protetor da Espanha, lutava lado a lado dos espanhóis em muitas das suas expedições militares na América (22). Esperava-se também ver, durante a travessia marítima estranhos animais e várias qualidades de monstros do fundo do mar (23). E, uma nota mais alegre, reputava-se uma certa qualidade de grandes pássaros encontrados perto do Panamá, como cantores de agradável e harmonioso coral (24).

O cronista do Perú, Pedro Cieza de León, ouviu em 1550 que ossos de gigantes tinham sido encontrados e que gigantes ainda poderiam existir no território tão vasto e só parcialmente conquistado, conhecido de modo imperfeito (25). El Dorado, êste mito do ouro fácil levou muitos conquistadores a sucumbir nas selvas e desertos da América (26).

Acreditava-se que Gog e Magog eram figuras do Novo Mundo (27), e até na última parte do século XVI dizia-se ter sido visto um unicórnio na Flórida (28).

Os europeus do século XV acreditavam ser exato o seu conhecimento de um continente vasto e desconhecido do outro lado do mar, e isso abalou a sua confiança em si mesmos. Tentativas engenhosas foram feitas para demonstrar que as pri-

- 
- (22). — Sôbre o diabo no México e América do Sul, ver Rafael Heliodoro Valle, "El diablo en Mesoamérica", *Cuadernos Americanos*, XII (México, 1955), n.º 2, pp. 194-208. Ver também Gustavo Correa, *El espíritu del mal en Guatemala* (Nova Orleans, 1955), pp. 48-52.
- (23). — José Durand, *Ocaso de sirenas manatíes en el siglo XVI* (México, 1950).
- (24). — Enrique de Gandía, *Historia crítica de los mitos de la conquista americana* (Madri, [1929]), Cap. 2. Outras contribuições sôbre mitos são: Robert Hale Shields, "The Enchanted City of the Caesars, Eldorado of Southern South America", *Greater America* (Berkeley, 1945), pp. 319-340; Demetrio Ramos, "Examen crítico de las noticias sobre el mito del Dorado", *Cultura Universitaria* (Caracas, 1954), n.º 41, pp. 19-58; e Constantino Bayle, S. Y. *El dorado fantasma* (Segunda edição, Madri, 1943).
- (25). — Pedro Cieza de León, *Parte primeira de la chrónica del Peru* (1553), Capítulo 52. Antônio Pigafetta, cronista da viagem de Magalhães dizia que êles tiveram uma conversa amigável com um gigante da Patagônia tão alto que suas cabeças alcançavam apenas a sua cintura. Francisco Encina, *Historia de Chile* (20 vols., Santiago, 1940-1952), I, 388. Encima dizia que Las Casas e outros frades manifestavam a mesma fantasia quando pensavam que os indígenas eram capazes de ser civilizados. *Ibid.*, I, 389.
- (26). — Philip A. Means, *The Spanish Main* (Nova York, 1935), Cap. 5.
- (27). — Olschhki, *Ponce de Leon's Fountain of Youth*, p. 384.
- (28). — W. R. Jackson, *Early Florida Through Spanish Eyes* (Miami, 1954), Introdução. Uma literatura rica sôbre unicórnios pode ser achada no mundo dos tecidos, de acôrdo com Richard Ettinghausen, *The Unicorn* (Washington, 1950).

meiras autoridades cristãs tinham predito êste estupefaciente acontecimento, a descoberta da América (29).

Se as novas terras pudessem ser relacionadas de algum modo com o mundo antigo, uma ponte poderia ser construída entre o conhecido e o desconhecido. Os nativos dêste maravilhoso Novo Mundo eram naturalmente o centro de atração. Mesmo antes da primeira década se ter passado, êstes povos cobertos de plumas e de côr — que inevitável e erroneamente foram chamados de índios — tornaram-se o principal mistério que deixava perplexa a nação espanhola; conquistadores, eclesiásticos, a corôa, e os cidadãos comuns. Quem eram êles? De onde vinham? Qual era sua natureza, a sua capacidade perante a civilização européia e cristã? E, principalmente, qual seria o modo certo de lidarem os espanhóis com êles? (30).

A imagem popular de um paraíso terrestre que efervesceu nos primeiros meses, foi logo sucedida pela de um continente hostil habitado por guerreiros selvagens saídos de florestas tropicais e de cidades estranhas para resistir ao avanço dos soldados espanhóis e aos esforços missionários de seus companheiros, os monges.

As primeiras suposições de serem as 10 tribos perdidas de Israel os progenitores dos índios — adotada por mais de um escritor de responsabilidade naqueles dias — mas mesmo as idéias aparecidas depois de que de algum modo misterioso a nação gálica teria expulsado êstes estranhos atiradores — não respondiam satisfatôriamente as questões básicas e urgentes. Quem e como eram essas criaturas? Como deveriam ser tratadas? Poderiam ser cristianizadas e trazidas para um modo de vida civilizado? Deveria isto ser tentado por guerra ou por meio

- (29). — Juan de Solórzano Pereira colecionou muitas informações sôbre essas possibilidades, e considerava estas histórias sôbre a América como tentativas de nações estrangeiras enciumadas, interessadas em diminuir a glória da Espanha, *Política indiana* (Madri, 1647), Livro I, caps. VI-VII.
- (30). — Informações adicionais sôbre estas questões podem ser encontradas no *The First Social Experiments in America* (Cambridge, Mass., 1935) e na *The Spanish Struggle for Justice in the Conquest of America* (Filadélfia, 1949). Alberto Salas dá um sumário de opiniões opostas sôbre os índios de dois escritores antigos no seu artigo "Pedro Mártir y Oviedo ante el hombre, y las culturas americanas", *Imágo Mundi*, I (Buenos Aires, 1953), n.º 2, pp. 16-33. Os europeus inventaram o conceito do "nobre selvagem" de acôrdo com a sua moral, política e idéias sociais, antes dos indígenas serem descobertos, de acôrdo com Giuseppi Cochiara, *Il mito del buon selvaggio* (Messina, 1948), p. 7. Mircea Eliade aceita esta explicação em parte e dá então uma resposta psicológica, "El mito del buen salvaje o los prestigios del origen", *La Torre*, ano III, n.º 11 (Universidade de Pôrto Rico, 1955), 49-66. Nenhuma das opiniões satisfazem quem trabalhou nas fontes de material ibéricas, particularmente nos volumosos relatórios sôbre os contactos entre os espanhóis e os indígenas.

de persuasão pacífica? Os conquistadores tendiam a perguntar de um modo positivo: como podera uma guerra justa compelir os índios a servir a Deus, ao rei e a nós? E os religiosos perguntavam energicamente, como poderao os nativos mudar para o que devem ser?

Duas circunstancias eram responsáveis por estas questões, que não eram feitas por nenhuma outra nação colonizadora com tanto interesse. A primeira era a natureza mesma do povo espanhol, povo legalista, passional, dado a extremos e fervorosamente católico. Tres acontecimentos no curso do ano de 1492 refletem algumas das características fundamentais dos espanhóis e sua história. Granada, o último domínio mouro, caiu ante os reis católicos Fernando e Isabel em 2 de janeiro, os judeus toram em seguida expulsos, e em 3 de agosto Colombo partia. A conquista final de Granada foi o climax do longo estôrço nacional para estabelecer a hegemonia cristã na Espanha. Este longo trabalho preparou a nação para maiores empreendimentos. Isabel descobriu isto neste mesmo ano, 1492, ao interrogar bruscamente o estudioso Antônio de Nebrija quando êste lhe apresentou sua **Gramática Espanhola**, a primeira gramática escrita numa língua européia moderna: “Para que serve isto?” ao que o Bispo de Ávila respondeu pelo estudioso: “Saiba Vossa Majestade que a língua é o mais perfeito instrumento do império” (31).

A segunda circunstância foi a natureza do domínio exercido pela corôa espanhola na América, sentindo-se os espanhóis responsáveis pela conversão dos nativos. A doutrina do Papa Alexandre VI, a famosa bula de doação de 1493, que foi usada a princípio para justificar o domínio da Espanha sôbre as novas terras, instruiu especificamente a Corôa de Castela a cristianizar estas terras. Antes de nos deixarmos mistificar como os espanhóis o foram nas aplicações legais e morais deste pronunciamento papal, é preciso ficar bem claro que os espanhóis tinham logicamente que determinar a natureza e a capacidade dos índios antes de poderem principiar qualquer conquista ou cristinianação.

Muitos espanhóis, apesar de sua conduta contra os índios, geralmente deixavam-se comover profundamente por êles. Reis e o Conselho das Índias instituíram inquêritos prolongados e formais tanto na Espanha como na América.

---

(31). — J. B. Trend, *The Civilization of Spain* (Londres, 1944), p. 88. O que Nebrija estabelece na sua introdução era: “siempre la lengua ha sido compañera del imperio”.

Poucas figuras com significação na conquista tiveram opinião desfavorável a respeito da capacidade dos indígenas para serem cristianizados, habilidade no trabalho e aptidão geral para a civilização européia. Entre os documentos que foram conservados até nossos dias há não só opiniões como também propostas numerosas e curiosas para a proteção e bem-estar dos indígenas. Logo no princípio da sua carreira, Las Casas propôs a introdução do escravo negro nas ilhas para poupar aos índios o trabalho pesado que os estava destruindo, para mais tarde arrepende-se e opor-se a escravidão tanto do negro como do índio, “e pelas mesmas razões” (32). Os espanhóis entretanto nunca se bateram com o mesmo entusiasmo contra a escravidão do negro como o fizeram contra a do índio, nem Las Casas.

A despeito da sua oposição final a escravidão negra, até 1544 êle possuía diversos escravos negros e não há documento conhecido que revele uma oposição séria à escravização do negro no século XVI. Por que as consciências espanholas afligiam-se mais facilmente pelos indígenas do que pelo negro? Talvez os ibéricos estivessem acostumados a ter negros mulumanos como escravos e os indígenas, não só eram novidade para êles como também não tinham tido ainda oportunidade de ouvir falar da Fé. Os jesuítas Alonso de Sandoval e Pedro Claver trabalharam a favor dos negros no século XVII mas a consciência moral dos povos modernos empenhou-se primeiro pelo indígena americano (33).

Diversos homens e métodos foram usados na tentativa de ajudar os indígenas americanos. No mesmo mês (maio de 1550), que se viu o princípio da mais famosa discussão sobre a natureza dos indígenas, um sevilhano chamado Cristóbal Muñoz conseguiu um contrato com o Rei para introduzir 100 camelos no Perú. Por que? Para aliviar os índios na subida e descida de pesadas cargas nos Andes (34). Os arquivos da Espanha e

(32). — Las Casas e seu apóio primeiro à escravidão negra tem sido um assunto de interesse permanente, especialmente para aquêles que não o apreciam. Para uma defesa bem feita de Las Casas ver Fernando Ortiz, “La leyenda negra contra Fray Bartolomé de Las Casas”, *Cuadernos Americanos* (México, 1952), n.º 5, pp. 146-184. Marcel Bataillon dá uma nota breve e valiosa no “Le ‘clérigo Casas’ ci-devant Colon, réformateur de la colonisation”, *Bulletin Hispanique*, LIV (1952), 366-368.

(33). — O trabalho fundamental por Alonso de Sandoval é *Naturaleza policia sagrada i profana, costumbres i ritos disciplina i catechismo evangelico de todos etiopes* (Sevilha, 1627) e um item popular é o por Mariano Picón Salas, *Pedro Claver. El santo de los esclavos* (México, 1950). Nem os jesuítas parecem ter denunciado a escravidão negra como uma instituição não cristã.

(34). — Archivo de Indias. Indiferente general 424, livro 22, f. 133. Ver também fls. 134-136; 152 vuelto — 155; 219 vuelto 224 vuelto, 298 vuelto 299 — vueltos

América estão cheios de uma documentação absorvente acerca do que os conquistadores pensavam a respeito desses primeiros ajuntamentos de raça nos tempos modernos. A quantidade e a qualidade dessas informações aproveitáveis é sem paralelo nos arquivos de qualquer outra nação colonizadora, e constitui um material rico ainda não totalmente explorado pelos antropólogos.

Enquanto conquistadores e cléricos penetravam na América em nome da corôa e seguia com êles o difícil e duplo propósito de domínio e conversão religiosa, fatos persistentes e convicções teológicas chocavam-se ruidosamente. As vozes de indivíduos de funções diferentes — eclesiásticos, soldados, colonos e oficiais do Rei na América, assim como homens de ação e pensamento na Espanha, continuamente, durante o século XVI, faziam um còro ruidoso de advertência aos reis espanhóis e ao Conselho das Índias. Cada homem, cada função, tinha uma convicção profunda e generalizada a respeito da natureza dos indígenas como se êles fôsem uma só raça. Cada um via no seu próprio conhecimento dos índios a base de uma recomendação para uma política governamental que seria a verdadeira solução, pondo de uma vez por tôdas o empreendimento das Índias numa firme e inatacável fundação. A corôa considerava tôdas estas recomendações e legislava para todos indivíduos e facções, ciosa das suas prerrogativas e determinada a prevenir o crescimento de uma aristocracia poderosa e turbulenta, como a que aparecera na Espanha, pela perseverante ação de Fernando e Isabel. Foi o Imperador Carlos V e seus conselheiros, entretanto, que eventualmente decidiram qual a doutrina que seria aplicada aos indígenas americanos. Nos dias efervescentes do princípio da conquista, quando até conquistadores endurecidos tinham sonhos estranhos e o Novo Mundo era para alguns lugar de encantamento habitado por povo misterioso e desnorteado, não é de estranhar que até a antiga teoria de Aristóteles de que alguns homens nascem para ser escravos, fôsse emprestada da Antigüidade e achasse aplicação conveniente aos indígenas da costa da Flórida até ao distante Chile.

---

334-335. Carlos A. Romero escreveu um breve relato, "El camello en el Perú", *El Comercio* (Lima, 28 de fevereiro, 1937) e assim tratou o assunto em seu *Los héroes de la isla de Gallo* (Lima, 1945). Ricardo Cappa dá também algumas informações pertinentes em seus *Estudios críticos acerca de la dominación española en América* (6 partes, Madri, 1889-1897), V, 428, mas o assunto é hilariante e merece investigação.

II

ARISTÓTELES E A AMÉRICA EM 1550.

O período das descobertas é agora considerado como uma das épocas de maior atividade intelectual em tôda a História. Como diz enfaticamente o filósofo argentino Francisco Romero: “desenvolveu-se neste dias uma nova filosofia, uma nova visão do cosmos e uma nova ciência da natureza” (1). A imensidade e o fenômeno natural das novas terras foi um impacto especial nas mentes humanas; os europeus descobriram “mais territórios em setenta e cinco anos do que nos duzentos anos prévios” (2). Enquanto os portugueses transportavam para casa os negros da Guiné, tornou-se óbvio que as opiniões de Estrabão e Plínio precisavam ser revistas, pois êstes estabeleciam que a zona equatorial era inabitada. Copérnico declarou que suas especulações a respeito da esferecidade da terra estavam confirmadas pela existênciã das ilhas descobertas pelos portugueses (3).

O impacto da conquista da América pela Espanha não estava limitado aos círculos eruditos; era também um movimento popular que permitia idéias simples florescerem ao lado dos conceitos literários. Alguns dos conquistadores eram homens do povo, alguns de classe mais elevada, e muitos vinham das mais baixas camadas da sociedade. Os arquivos mostram que homens de tôda condição tinham permissão oficial para seguir para a América, e não somente cortesãos e nobres presumivelmente possuídos pelas idéias da literatura do tempo (4).

Tôda classe de idéias agitava-se durante os primeiros anos tumultuosos da história americana, e nenhuma teve uma aplicação mais dramática que as tentativas feitas em aplicar aos nativos a doutrina aristotélica da escravidão natural: esta classe de homens fôra feita pela Natureza para serem escravos ao

- (1). — Francisco Romero, *Sôbre la filosofia en Antérica* (Buenos Aires, 1952), p. 125. Marcel Bataillon tem trabalhado com intensidade neste campo durante os últimos anos e dá um sumário de suas comunicações de 1951-1952 in “La dépourverte spirituelle du Nouveau Monde” no *Annuaire du Collège de France* (1952), pp. 276 ff.
- (2). — Marcel Bataillon, “Novo mundo e fim do mundo”, *Revista de História*, n.º 18 (São Paulo, 1954), p. 350.
- (3). — Welch — *Europe's Discovery of South Africa*, p. 249.
- (4). — *Catálogo de pasajeros a Indias*, editado por Cristóbal Bermúdez Plata (3 vols., Sevilha, 1940-1946). Um artigo analítico de valor é o de V. Aubrey Neasham “Spain's Emigrants to the New World, 1492-1592”, *Hispanic American Historical Review*, XIX (1939), 147-160.

serviço de senhores nascidos livres de uma vida de trabalho manual. Autoridades cultas, como o jurista espanhol Juan Ginés de Sepúlveda, não só sustentavam este ponto de vista com grande tenacidade e erudição, como também concluíam que os indígenas eram de fato tão rudes e brutais que uma guerra contra êles para tornar possível a sua cristianização era oportuna e legal. Muitos eclesiásticos, incluindo o apóstolo dos indígenas, o dominicano frei Bartolomé de Las Casas, opunham-se a estas idéias desdenhosamente, e apelavam para a lei divina e natural e para suas próprias experiências na América. A controvérsia tornou-se tão ardente e a consciência do rei tão perturbada pela questão de como conduzir a conquista das Índias de um modo cristão, que o Rei Carlos V suspendeu todas as expedições à América enquanto uma junta dos mais famosos teólogos, juristas e oficiais na capital real de Valladolid escutavam os argumentos de Las Casas e Sepúlveda. Tudo isto ocorreu em 1550, depois de Cortez ter conquistado o México, Pizarro ter despedaçado o império inca, e outros capitães menos conhecidos terem carregado a bandeira espanhola aos confins do Novo Mundo.

A idéia que alguém mais faria o trabalho pesado do mundo agradava sobremaneira aos espanhóis do século XVI que haviam herdado o gosto das glórias marciais e das conquistas religiosas e o desprezo pelo esforço físico do trabalho, dos seus ancestrais medievais que durante séculos lutaram para expulsar os mouros da Espanha.

Quando a essa doutrina uniu-se o conceito, de que aos entes inferiores era até um benefício o labor que faziam para os seus superiores, a idéia tornou-se invencivelmente atraente para a classe dominante.

O Novo Mundo oferecia um rico campo aos espanhóis arrojados e jeitosos, preparados para lutar bravamente, e, se necessário a morrer na tentativa de arranjar um bom pedaço do império para êles mesmos e ao mesmo tempo propagar o cristianismo e servir o seu rei. Não estavam preparados, entretanto, para se estabelecerem como fazendeiros e cultivar o solo ou como mineiros para extrair o ouro e a prata das entranhas da terra. Este era o trabalho dos índios. Quando os nativos não eram úteis, os espanhóis queixavam-se ao rei. Os fundadores da cidade de Buenos Aires uma vez informaram ao rei que as coisas estavam tão ruins que se os espanhóis quisessem comer, naqueles dias, precisavam êles mesmos lavrar e colher. E, também, foi contado por espanhol com dez anos de

experiência na América ter êle visto **hidalgos** morrerem de fome em Honduras em 1537, e um outro fidalgo espanhol semeando os campos” com suas próprias mãos” cena que nunca tinha visto antes (5). No principio os espanhóis trabalharam êles mesmos em minas de ouro nas ilhas, porém mais tarde, nem o mais rude camponês levantava os braços de acôrdo com Las Casas (6). Através de todo o período colonial e em tôdas as terras colonizadas pelos espanhóis prevaleceu a mesma atitude. Juan de Delgado, escrevendo nos meados do século XVIII sôbre as Ilhas Filipinas, tem a mesma reação: “Devem os espanhóis trabalhar o solo e semear plantações nestas ilhas? Certamente que não! Ao chegar a Manila todos tornam-se “**caballeros**” (7). Vê-se aqui como se expandiu o conceito de **caballero** nas Índias, tido apenas por uns poucos privilegiados na pátria — uma idéia que um sociólogo e historiador pode algum dia desenvolver com muitos detalhes curiosos e divertidos.

Um professor escocês em Paris, John Major, foi o primeiro a aplicar aos indígenas a doutrina de Aristóteles de escravidão natural. Também aprovava a idéia do emprêgo da força como uma preliminar à pregação da fé, e publicou estas

- (5). — Colección de Juan Bautista Muñoz, Academia de La Historia (Madri), LXXX, 270. José Durand começou a esclarecer este assunto no seu útil trabalho sôbre *La transformación social del conquistador* (2 vols., México, 1953). Algumas referências valiosas podem ser achadas em C. J. Bishko, no “The Iberian Background of Latin American History: Recent Progress and Continuing Problems”, *Hispanic American Historical Review*, XXXVI (1956), 67, nota 31.
- (6). — Bartolomé de Las Casas, *História de las Indias*, editado por Agustín Millares Carlo com introdução de Lewis Hanke (3 vols., México, 1951), I, 472-473. Américo Castro salienta a relutância dos espanhóis em trabalhar com as próprias mãos in *The Structure of Spanish History* (Princeton, 1954), pp. 631-632, mas o tópico ainda não foi suficientemente estudado. Um início foi feito por Alfonso Garcia Valdecasas, *El hidalgo y el honor* (Madri, 1948). Revendo este trabalho, José Durand aduziu algumas idéias valiosas e bibliografia, *Nueva Revista de Filología Hispánica*, IV (1950), 71-75. Julio Heise González também dá numerosas ilustrações da relutância dos espanhóis de produzir trabalho manual na América in “Las tasas y ordenanzas sobre el trabajo de los indios en Chile”, *Anales de la Universidad de Chile*, série segunda, VII (1929), 821-823.

O primeiro tratado científico sôbre agricultura na Espanha inclui uma sonora informação a favor de labor manual e até uma recomendação de que para aqueles que fôrem muito preguiçosos para trabalhar deveria ser negada comida e até mortos. Gabriel Alonso de Herrera, *Livro de agricultura que es de la labrança y criança, y de muchas otras particularidades y provechos del campo* (Valladolid, 1563), fol. 3v.

Um trabalho básico sôbre o caráter espanhol é o de Maria Rosa Lida de Malkiel, *La idea de la fama en la edad media Castellana* (México, 1952), e um estudo correlato é o artigo de José Luis Romero, “Sobre la biografía española del siglo XV y los ideales de vida”, *Cuadernos de historia de España*, I-II (Buenos Aires, 1944), 114-138.

- (7). — Delgado, *Historia general sacro-profana, política y natural de las islas del poniente llamadas Filipinas*, tomo único (Manilha, 1892), p. 301.

convicções através de um livro em Paris em 1510 (8). No ano seguinte, 1511, um frade dominicano chamado Antônio de Montesinos, pregou um sermão revolucionário numa igreja coberta de palha na ilha Espanhola nas Caraibas. Falando sôbre o texto “Sou uma voz clamando no deserto” Montesinos fêz o primeiro protesto importante contra o tratamento dado aos indígenas pelos fazendeiros espanhóis, perguntando: “Não são homens êstes selvagens? Não têm êles alma racional? Não estais obrigados a amá-los como vos amais a vós mesmos?” Êste sermão na América levou imediatamente a uma disputa em Burgos na Espanha, da qual saiu o primeiro tratado espanhol sôbre problemas indígenas e o primeiro código traçado sôbre êste mesmo assunto. E’ interessante notar que um dêsses tratados, feito pelo frade Matías de Paz, intitulado **No que concerne as leis dos Reis da Espanha de como tratar os indígenas**, não é só o primeiro estudo feito dessa questão por um dominicano, como também a primeira declaração de que os índios americanos não eram escravos no consenso aristotélico.

As leis das Índias são citadas geralmente para provar a intenção bondosa dos monarcas espanhóis para com os índios, e o fazem, mas também revelam outros assuntos importantes (9). As leis de Burgos, promulgadas em 1512, não apenas regulamentam o trabalho dos indígenas, sua cristianização, sua comida, roupa, camas que lhes deviam ser fornecidas, mas também estipulam de um modo significativo na lei número 24 que “ninguém pode bater, açoitar ou chamar um índio de cachorro (**perro**) ou algum outro nome além do seu próprio.” Um estudioso latino-americano uma vez insistiu em que chamar um índio de “cachorro” nesses dias era como num Colégio Americano os estudantes darem um nome afetoso a alguma fraternidade. Pode-se suspeitar, não obstante, que a lei refletia fielmente a tempestuosa atitude contra os indígenas de muitos espanhóis nestes primeiros e turbulentos dias e que o epíteto era a adaptação para a América do vitupério **perro moro** comumente aplicado na Espanha aos mouros.

Uma questão posterior, como ter certeza de que uma conquista fôra processada de acôrdo com os princípios cristãos,

---

(8). — Pedro Leturia, “Maior y Vitoria ante la conquista de América”, *Estudios Eclesiásticos*, II (Madri, 1932), 44-82. Um estudo mais recente é o de Sílvio Zavala como introdução ao volume *De las islas del mar océano, por Juan López Palacios Rubios. Del dominio de los Reyes de España sobre los indios, por Fray Matías de Paz* (México, 1954). Tradução, notas e bibliografía por Agustín Millares Carlo.

(9). — Rafael Altamira, “El texto de las leyes de Burgos de 1512”, *Revista de Historia de América*, (México, 1938), n.º 4, pp. 5-79.

apareceu em 1513 e dela resultou a aplicação da famosa declaração jurídica conhecida como Requerimento, que deveria ser lida formalmente aos indígenas antes dos conquistadores começarem legalmente as hostilidades (10). Êste manifesto é uma leitura bem curiosa nos nossos dias. Começa com uma breve história do mundo desde a sua criação e de uma descrição do estabelecimento do papado, que levava naturalmente a uma descrição da doação feita por Alexandre VI “destas ilhas e terras firmes” aos reis de Espanha. Pedia-se aos indígenas para reconhecer êste domínio e para permitir que a Fé fôsse pregada entre êles. Se concordassem, melhor, se não o Requerimento ordenava que as medidas punitivas dos espanhóis tivessem lugar. Entrassem na terra a ferro e fogo, que subje-gassem os habitantes pela fôrça, e citassem êste documento que era lido a inúmeros índios assustados numa linguagem, que não entendiam: “tomaremos a vós, vossas espôsas e filhos e faremos dêles escravos, e os venderemos e disporemos como Sua Majestade ordenar; tiraremos vossos bens, e faremos todo mal e dano que pudermos como a vassallos que não obedecem”.

A primeira aplicação específica da doutrina aristotélica de escravidão natural ocorreu em 1519 quando Juan Quevedo, bispo de Darien, e Las Casas chocaram-se ante o pequeno imperador Carlos V. Aristóteles não tinha sido usado para justificar a escravidão na Espanha medieval, assim Las Casas estava lidando em terreno desconhecido. Mas marchou em frente e denunciou a ambos, Quevero e Aristóteles a quem descreveu como “gentio ardendo no inferno, cuja doutrina não precisamos seguir a menos que esteja conforme a verdade cristã” (11). Quando Las Casas teve esta explosão contra

(10). — O autor publicou dois artigos sôbre o assunto: *The Requerement and Its Interpreters*, “*Revista de História de América*” (México, 1938), n.º 1, pp. 28-34 e “A aplicação do requerimento na América Espanhola, *Revista do Brasil* (Rio de Janeiro, setembro de 1938), pp. 231-248. Como Juan Manzano salientou, as idéias do Requerimento foram postas em prática antes de 1512 de modo irregular, *La incorporación de las Indias a la Corona de Castilla* (Madrid, 1948), p. 33.

(11). — A única descrição existente da controvérsia vem da *História de las Indias de las Casas*, Livro III, Caps. 149-151. A coragem mostrada por Las Casas em se opor a Aristóteles pode ser apreciada sob a luz da experiência do mestre de Sepúlveda, Pietro Pomponazzi de Bolonha. O dogma da Igreja baseado na interpretação dada a Aristóteles por Tomás de Aquino. Quando Pomponazzi clamou pelo direito de estudar Aristóteles por si mesmo, seu tratado de 1516, *De immortalitate animi* foi queimado em Veneza e Pomponazzi correu sério risco de morrer às mãos dos católicos. “Qualquer ataque a Aristóteles, ou mesmo uma tentativa de reabrir as velhas discussões sôbre os problemas aristotélicos era olhada como uma perigosa heresia” de acôrdo com John Malcolm Mitchell, *Encyclopedia Britannica* (Décima primeira edição, 1911) XXII, 58.

Aristóteles era um homem maduro de uns quarenta e cinco anos, um dos veteranos da América, que tinha sido convertido à causa dos índios há cinco anos. Não estava êle sujeito à disciplina e instrução da ordem dos dominicanos para a qual entrou apenas em 1522 num período de grande depressão após o fracasso do seu plano de colonizar Tierra Firme com honestos trabalhadores, temerosos de Deus, dispostos a ajudar e não a oprimir os indígenas.

Havia anti-aristotélicos na Espanha, mas em 1519 Las Casas estava arguindo mais com o coração do que com a cabeça. Chegara há pouco das Ilhas Caraibas e logo começou a protestar contra a aprovação real dada ao transporte dos indígenas para trabalhar nas minas e fazendas da Hispaniola. Devido à “errada” recomendação do conselho, o rei assinara a ordem “como se homens fôsem peças de madeira que podiam ser cortadas das árvores e transportadas para propósitos de construções, ou como rebanhos de ovelhas ou de outra qualidade de animais que podiam ser movidos indiscriminadamente, e se algum morresse no caminho pouco seria perdido”. Ao contrário, insistia Las Casas, os índios eram racionais, “não de mentes ou erros da natureza, e com razão suficiente para se governar a si mesmos”, como provou num tratado.

No primeiro encôntro com as idéias de Aristóteles, Las Casas enunciou o conceito básico que guiaria tôdas as suas ações em favor dos indígenas durante o quase meio século restante de sua vida apaixonada: “Nossa religião cristã é conveniente e pode ser adaptada a tôdas as nações do mundo, e todos podem recebê-la do mesmo modo; e ninguém pode ser privado da sua liberdade, nem ser escravizado com a desculpa da escravidão natural, como parece advogar o reverendo bispo (de Darien)”.

Mais tarde, em Valladolid, Las Casas teria um pouco mais de respeito por Aristóteles, que afinal de contas fôra o filósofo dominante na Renascença e cujas idéias prepararam o apóio filosófico do Catolicismo. Mas mesmo nesta primeira rusga com a doutrina da autoridade constituída, Las Casas demons-

---

Ver também Andrew Halliday Douglas, *The Philosophy and Psychology of Pietro Pomponazzi* (Londres, 1910). A Política gozava nos séculos XVI e XVII na Espanha de um “respeito casi supersticioso” de acôrdo com Antonio Domínguez Ortiz, “La esclavitud en Castilla durante la edad media”, *Estudios de historia social de España* (2 vols., Madri, 1952). II, 406. Aristóteles nunca foi usado para justificar a escravidão na Espanha e Portugal medievais, pois não havia necessidade de explicar a escravização dos mouros. Para estudo mais completo, ver Charles Verlinden, *L'Esclavage dans l'Europe médiévale. Tome Premier. Peninsule Ibérique-France* (Bruges, 1955).

trou a independência da sua mente. Não suportava a escravidão como Santo Agostinho tinha sancionado, considerando-a como não impedimento para a virtude mas como uma única oportunidade para praticar certas virtudes como humildade, perdão, modéstia, obediência e paciência (12).

Em Barcelona, em 1519, Las Casas rejeitou a opinião dominante sobre a escravidão na Idade Média de que iniquidades e injustiças deviam ser aceitas como parte do programa de Deus para regenerar a raça humana (13). Nada do que aprendeu ou viu durante os anos intermediários da disputa de 1519 a 1550 o fizeram mudar a sua tese fundamental de que a escravização dos índios americanos era errada, e que os suportes mais fortes da sua doutrina eram a igreja cristã e Deus. Esta primeira disputa de Barcelona parece ter tido pequena influência, entretanto, deu curso à batalha sobre o caráter dos indígenas que continuava a agitar os espanhóis.

No princípio da conquista distinguiam entre os ferozes e supostos canibais caribes e os outros indígenas. Se considerados caribes, os nativos podiam ser guerreados sem mercê e justamente escravizados. O material manuscrito sobre este assunto está à espera dos historiadores e antropólogos e é enorme (14), e precisa ser estudado, pois agora parece que

(12). — Irmã Margaret Mary C. I. M. "Slavery in the Writings of St. Augustine", *The Classical Journal*, XLIX (1954), 367. José Almoína colecionou muitos exemplos para mostrar que houve uma tentativa definida para estabelecer uma "conexión de la idea de libertad espiritual de las Sagradas Escrituras con el orden social". Ver pp. 170-175 de sua edição de *Fray Juan de Zumárraga. Regla cristiana breve* (México, 1951).

(13). — Herschel Baker, *The Dignity of Man* (Cambridge, Mass., — 1947), p. 178.

(14). — A literatura sobre os caribes é grande, confusa, e de algum modo contraditória. Uma coleção valiosa de material manuscrito sobre o tratamento dado aos caribes pelos espanhóis cerca de 1520, pode ser achado no terceiro *legajo da residencia* de Rodrigo de Figueroa no Archivo de Indias, Justicia 47.

Este documento etnográfico antigo descreve as tentativas feitas para determinar se os indígenas capturados pelos capitães espanhóis ao cruzarem a Tierra Firme e as ilhas eram os caribes. Um artigo não publicado, intitulado "Los Caribes", foi preparado por Vicente Cortés do Archivo de Indias, no qual faz referência a outros manuscritos sobre as relações espanholas com os caribes no século XVI.

Colombo, foi originariamente responsável pela idéia de considerar os caribes canibais, de acordo com Gandía, *Mitos de la conquista*, p. 47. Julio C. Salas, em *Los indios caribes* (Madri, 1920) estabelece que os caribes eram uma raça corajosa, inteligente, e não canibais como era dito pelos que os desejavam escravizar. Domínguez culpa a tradução para o latim das cartas de Colombo onde a frase *comer carne viva* foi traduzida como *carne humana vescuntur*, e conclui: "Éstes indígenas bárbaros eram traiçoeiros; que quando escravizavam seus inimigos os cortavam em pedaços e os cozinhavam está fora de discussão. Mas que eles comessem a sua carne é uma falsidade fundada em motivos interesseiros. Preciso ainda encontrar o homem que me diga em boa fé ter visto os indígenas comerem carne humana" *The Conquist of the River Plate*, 1535-1555, L. L. Domínguez, ed. (Londres, 1891), pp. XXXVII-XXXVIII; Domínguez preparou um relato histórico sobre o assunto que pa-

apenas alguns caribes comiam carne humana, e no século XVI os caçadores de escravos pareciam aplicar o nome de caribes a qualquer um. Os índios habitantes das praias tropicais das Caraibas ficavam agitadíssimos ao ver os espanhóis aproximar-se trazendo um notário público pronto a tomar declarações de que êles eram comedores de carne humana, e sempre se recorda que indígenas mataram frades por êstes terem dado a capitães espanhóis pedaços de papel que os indígenas acreditavam ser declarações formais a respeito da sua antropofagia.

Mais tarde, Frei Fernando de Carmellones informou ao Conselho das Índias, numa carta pungente sôbre a conversão e tratamento dos indígenas, que “se alguém dissera ter êle visto indígenas comer frades, o Conselho poderia considerar isto uma brincadeira (15)”. Juan de Castellanos, poeta do século XVI declarou que os caribes tinham êste nome, não por serem canibais, mas porque intrèpidamente defendiam seus lares.

Outros indígenas além dos caribes, eram, entretanto, objeto de muitas das disputas. Juan de Zumárraga, franciscano e bispo do México, teve um papel notável neste conflito de idéias, simplesmente por acreditar que os indígenas eram seres racionais cujas almas podiam ser salvas (16). Tôdas as suas contribuições para a cultura mexicana eram baseadas nesta convicção: o estabelecimento do famoso **colégio** para meninos

---

rece não ter sido publicado. William Dampier também mostrou ceticismo com respeito as histórias de canibalismo nas Índias Ocidentais no seu *A New Voyage Round the World...* (terceira edição corrigida, Londres, 1698), pp. 485-486. Alexandre von Humboldt e Aimé Bonpland achavam que as histórias sôbre o canibalismo dos habitantes das Índias Ocidentais eram muito exageradas, *Personal Narrative of Travels to the Equinoctial Regions of America During the Years 1799-1804*, editado por Thomasina Ross (3 vols., Londres, 1894). III, 86. Ewald Volhard dá uma opinião geral sôbre o assunto em *Kannibalismus* (Stuttgart, 1939), pp. 324-361.

Woodbury Lowery in *Spanish Settlements within the Present Limits of the United States* (Nova York, 1901), dá algumas das primeiras leis espanholas sôbre os caribes nas pp. 110-11. Como um esclarecimento curioso Pedro Aguado nos diz que alguns indígenas na Nova Granada acreditavam serem os espanhóis canibais e lutavam desesperadamente até que tiveram certeza que os invasores não procuravam comida, *Historia de Santa Marta y Nuevo Reino de Granada* editado por Jerónimo Bécker (2 vols., Madri, 1916-1917), II, 38-39.

O professor John H. Rowe da Universidade da Califórnia (Berkeley) escreve: “E’ fora de dúvida a questão que os espanhóis atribuíam canibalismo a muitos índios que o não praticavam com o fim de escravizá-los, mas sempre parece haver alguma base no fato de se atribuir canibalismo a alguns caribes”.

(15). — A carta é datada de 10 de dezembro de 1555, e está no Arquivo de Índias, Lima, 313.

(16). — O autor dá uma descrição completa em “The Contribution of Bishop Juan de Zumárraga to Mexican Culture”, *The Americas*, V (Washington, D. C. 1949), 275-282.

em Tlateloco e a escola para moças indígenas na cidade do México, a vinda do primeiro prelo para a América, o movimento para a criação de uma universidade no México, e a escrita de livros para os indígenas. Uma prova do conflito amargo e aberto que teve lugar por êste motivo em 1537, um ano depois de Zumárraga fundar a escola para os indígenas em Tlatelco, é o fato do Papa Paulo III ter achado necessário dar forma à famosa bula **Sublimis Deus** na qual estabelecia que os indígenas não deviam ser tratados como “brutos estúpidos criados para nosso serviço” mas “como verdadeiros homens..., capazes de entender a fé Católica”. E o Papa ordenava: “os índios ou qualquer outro povo que mais tarde vir a ser descoberto pelos cristãos, não devem ser privados por nenhum modo da sua liberdade ou da posse da sua propriedade, mesmo que estejam fora da fé de Jesus Cristo... nem devem de maneira alguma ser escravizados” (17).

Las Casas manifestava o mesmo espírito que o seu amigo de tóda a vida, Zumárraga, quando êle insistia na necessidade dos indígenas serem adequadamente instruídos nos rudimentos da Fé antes do batismo. Numa emergência, como por exemplo quando crianças indígenas foram estripadas por soldados espanhóis em Cuba, Las Casas queria que fôsem batizadas antes de morrer mesmo sem instrução nenhuma (18). Sob circunstâncias normais, insistia que os indígenas deviam compreender a fé antes de aceitá-la. Outros missionários, nesses tempos, particularmente os franciscanos, não davam tanta ênfase à instrução, acreditando em batismos em massa, e no aspergimento de água benta nas cabeças dos indígenas até êstes perderem as forças. Tinham estatísticas impressionantes de batismos, e calculavam ter salvo perto de quatro milhões de almas no México entre 1524 a 1536 (19). O recorde foi estabelecido em Xochimilco quando franciscanos batizaram 15.000 indígenas num único dia. Estas pessoas ficavam impacientes com Las

(17). — Para um estudo mais completo ver do autor “Pope Paul III and the American Indians”, *Harvard Theological Review* XXX (1937), 65-102. Um estudo mais recente que dá ênfase aos pontos jurídicos desenvolvidos é o de Alberto de la Hera “El derecho de los indios a la libertad y a la fe. La bula ‘Sublimis Deus’ y los problemas indianos que la motivaron”, *Anuario de la Historia del Derecho Español*, XXVI (Madri, 1956).

(18). — Antonio M. Fabié, *Vida y escritos de don Fray Bartolomé de Las Casas* (2 vols., Madri, 1879), I, 30.

(19). — Claudio Ceccherelli, O.F.M., “El bautismo y los franciscanos en México” *Misionaria Hispanica*, ano XIII, n.º 35 (Madri, 1955), p. 213. O melhor tratamento geral sobre o assunto é o de Robert Ricard, “Enseñanza prebautismal y administración del bautismo”, in *La conquista espiritual de México* (México, 1947), pp. 185-204.

Casas que queria estar certo de que cada indígena estava propriamente instruído na Fé antes do Batismo. Alguns frades não tinham paciência com os índios por causa da sua lentidão em aprender o Catecismo. Um dos primeiros missionários do México, o franciscano Martin de Valência, batia nos índios para apressar a aprendizagem, nunca parecendo satisfeito com a habilidade destes, e pouco antes da sua morte, ocorrida em 1531, planejava embarcar do Istmo de Tehuantepec para terras do outro lado do Pacífico onde esperava achar homens de “grande capacidade” (20) — talvez estivesse pensando nas histórias contadas pelos viajantes medievais sobre a côrte do Grande Khan e outras terras maravilhosas do Oriente.

Geralmente, entretanto, os frades iam de encôntro às suas atividades missionárias com o coração aberto e a firme convicção que as almas dos indígenas constituíam a verdadeira prata a ser minerada nas Índias. Não havia tempo a perder, pois a descoberta e a conquista não só ofereciam oportunidade de levar o Evangelho aos indígenas como também mostravam o aproximar do fim do mundo e a vinda do reino milenar (21). Vasco de Quiroga estava convicto de que os indígenas ainda viveriam na Idade do Ouro enquanto os europeus decaíam (22). Enquanto a Igreja estava sendo destruída na Europa, ou pelo menos abalada por Lutero, os frades determinaram que uma nova e mais poderosa Igreja seria construída na América. Um dominicano com idéias ainda mais exaltadas acreditava que a Igreja findara na Europa, sendo os indígenas os eleitos do Senhor, e que esta Igreja do Novo Mundo permaneceria por milhares de anos (23).

O esforço batismal continuava, entretanto, na terra americana. Não só eram levantadas questões pelos dominicanos e agostinianos sobre os métodos de batizar dos franciscanos mas também se tinham direito de batizá-los, afinal de contas.

Um édito, não publicado, do Papa Paulo III, datado de 21 de fevereiro de 1539, parece indicar que até alguns franciscanos tinham escrúpulos neste ponto, pois pediam ao seu protetor em Roma, o Cardeal Francisco de Quiñones, para obter

---

(20). — Bataillon, *Novo mundo e fim do mundo*, p. 348.

(21). — John L. Phelan, *The Millennial Kingdom of the Franciscans in the New World* (Berkeley e Los Angeles, 1956), p. 121, nota 23 e *passim*.

(22). — Sílvio Zavala, *Ideário de Vasco de Quiroga* (México, 1941).

(23). — As muitas idéias curiosas acalentadas por Francisco de la Cruz que o levaram a ser queimado num poste pela Inquisição de Lima em 1578, foram descritas por Bataillon em *Novo mundo e fim do mundo*.

autorização para poderem praticar a cerimônia do Batismo (24).

Las Casas em 1546 criou uma cena dolorosa no mosteiro franciscano de Tlaxcala quando Frei Toribio de Benavente, conhecido como Motolinía, pediu-lhe que batizasse um índio, desde que existiam regulamentos proibindo Motolinía de fazê-lo. O índio viajara uma longa distância para ser batizado e Las Casas vestiu-se para começar a cerimônia. Descobrimo, porém, que o índio não estava preparado, recusou-se a prosseguir, para grande surpresa de Motolinía, que nada esqrecia, nem perdoava (25). Las Casas por muito tempo lembrou-se da atitude e doutrina de Motolinía, pois o franciscano acreditava que a Fé precisava ser pregada rapidamente, “se necessário pela força” (26). Esta idéia revoltava Las Casas que é considerado como tendo usado sua influência para impedir Motolinía de conseguir um bispado, ação que amargurou a vida do franciscano (27).

Irônicamente em muitos outros pontos importantes Las Casas e Montolinía pensavam de um modo igual a respeito da habilidade dos indígenas. O missionário franciscano pressava altamente a facilidade com que êstes aprendiam o espanhol, latim e “tôdas as ciências, artes, e ofícios que lhes ensinavam”.

Um capítulo da História dos indígenas da Nova Espanha é dedicado ao “Bom talento e grande habilidade dos indígenas”. Tinham uma aptidão particular para a música, e um cantor indígena de Tlaxcala compôs uma missa inteira que foi apro-

(24). — O Sr. Bruno Pagliai da Cidade do México possui êste documento e generosamente permitiu o autor usá-lo. Foi publicado, com notas, por Juan Mesaguer Fernández, “A Doubt of Some of the Franciscan Missionaries in Mexico Solved by Pope Paul III at the Request of Cardinal Quiñones”, *The Americas*, XIV (1957), 183-189. Os franciscanos hoje ainda são agitados pela controvérsia batismal no século XVI no México, como pode ser visto pelo tom apologético e defensivo do Padre Ceccherelli na sua culta exposição, *El bautismo y los Franciscanos en México*.

(25). — Manuel María Martínez, “El obispo Marroquín y el franciscano Motolinía enemigos de Las Casas”, *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CXXXII (Madrid, 1953), Caderno II, p. 192. A famosa carta de 1555 de Motolinía para Carlos V na qual esta disputa é descrita pode ser achada na *Colección de documentos inéditos, relativos al descubrimiento, conquista y organización de las antiguas posesiones españolas de América y Oceanía sacados de los archivos del reino, y muy especialmente del de Indias* (42 vols., Madrid, 1864-1884), VII, 262-263. Citaremos daqui por diante como *Documentos inéditos de América*. Para um balanço da opinião da disputa entre Motolinía — Las Casas ver a introdução de Nicolau d’Oliver ao seu *Fray Toribio de Benavente (Motolinía). Relaciones de la Nueva España* (México, 1956), pp. XLIX-LV. Biblioteca del Estudiante Universitario, 72.

(26). — *Documentos inéditos de América*, VII, 268.

(27). — Martínez, *El obispo Marroquín y el franciscano Motolinía*, pp. 195-196.

vada pelos experimentados músicos cristãos. Em um mês um jovem índio de Telhuacan ensinou outros a atuarem aceitavelmente em missas, vésperas, hinos e o **Magnificat** (28). Motolinía também denunciou as crueldades dos espanhóis para com os índios de uma maneira severa e total que lembra o modo fulminante de Las Casas. Declarou que inumeráveis nativos eram mortos no trabalho das minas, que o trabalho em Oaxaca era tão destruidor que por meia légua em tórno só se pisava em cadáveres ou ossos e que tantas aves de rapina voavam lá para se banquetear que escureciam o céu (29). Apenas aquêle que pudesse contar as gôtas d'água numa tormenta e os grãos de areia do mar poderia contar os índios mortos nas terras arruinadas das Ilhas Caraibas, gritava Motolinía (30). Las Casas, mesmo, não fêz apêlo mais veemente que êste. Mas êste evidentemente percebia que o ponto de vista de Motolinía sôbre o batismo era errôneo, e assim êstes dois importantes frades do período da conquista não eram amigos, mas sim inimigos.

As disputas sôbre o batismo aumentavam em número e intensidade enquanto a conquista prosseguia. Las Casas opunha-se ao batismo fácil tão resolutamente que a disputa atravessou o Oceano, do México para a Espanha para ser resolvida. Carlos V decidiu ouvir a opinião do dominicano Francisco de Vitória e de um grupo de outros notáveis teólogos da Universidade de Salamanca, que em 1541 sustentavam de forma unânime a opinião de que os índios deviam ser instruídos antes do batismo (31). Vitória, em seus famosos sermões de Salamanca que o mostram como um dos mais elevados pensadores do século, também defendia os indígenas do pêso da irracionalidade (32). Devia haver muitos que aplicavam aos índios a doutrina de Aristóteles de escravidão natural, pois Vitória no **Di Indis** analisava e indicava isto longamente antes de Sepúlveda expor a idéia (33).

“Os aborígenes... não são doentes mentais”, asseverava Vitória, “mas têm de acôrdo com a sua qualidade, o uso da

(28). — Luis Nicolau d'Oliver, *Fray Toribio de Benavente*, pp. 185-193.

(29). — *Ibid.*, pág. 65.

(30). — *Ibid.*, pág. 195.

(31). — Para informações básicas e referências com respeito à documentação pertinente a esta questão, ver o volume preparado pelo autor e por Manuel Gimenez Fernández, *Bartolomé de Las Casas, 1474-1566 — Bibliografía crítica y cuerpo de materiales para el estudio de su vida, escritos, actuación y polémicas que suscitaron durante cuatro siglos* (Santiago del Chile, 1954), pp. 64-65. Citado daqui em diante como *Las Casas. Bibliografía crítica*.

(32). — *De Indias*, I, XXIII — O texto usado é o volume editado por Ernest Nys, *De Indis et de Juri Belli Relectiones* (Washington, 1917).

(33). — *Ibid.*, pp. 120 ff.

razão. Isto é claro, porque um certo método nos seus negócios; têm maneiras cuidadosamente arranjadas e têm casamentos definidos e magistrados, domínios, leis, oficinas, um sistema de trocas, coisas que pedem o uso da razão, têm também uma espécie de religião” (34).

As idéias, entretanto, eram difíceis de matar com pronunciamentos universitários e até mesmo com bulas papais. Então o dominicano Juan Ferrer sentiu-se obrigado a compor e apresentar ao Papa Paulo III um tratado sobre arqueologia mexicana destinado a dispersar, de uma vez por tôdas, as dúvidas persistentes a respeito da racionalidade dos indígenas, descrevendo a arquitetura que permanecera, sua linguagem e literatura, e o uso vivo de hieroglifos na sua história (35). Domingos de Santo Tomás anunciou, por exemplo, no prólogo de sua **Gramática, o arte de la lengua general de los índios del Perú** que a sua principal intenção era demonstrar, pelo relato das belezas e sutilezas da linguagem, a falsidade de considerar os indígenas peruanos bárbaros (36).

Em 1549 outro frade dominicano, Domingos de Betanzos, que tinha sido missionário na América durante muitos anos, exemplificava a preocupação espanhola com a natureza dos índios. Quando velho, Betanzos mudou sua primeira convicção de serem os índios incapazes como crianças e que nunca poderiam ser elevados à vida religiosa. Alguns anos antes êle applicara o termo **bestiais** a êles num memorial escrito apresentado ao Conselho das Índias.

Agora no seu leito de morte em Valladolid, justamente um ano antes de Las Casas e Sepúlveda guerrearem-se na mesma cidade sobre a questão de serem os indígenas escravos naturais, Betanzos jurava perante um notário que tinha errado nas suas opiniões sobre os indígenas “por não saber sua língua ou qualquer outra ignorância” e abjurava formalmente o estabelecido no memorial (37). Alguns estudiosos de nossos dias asseveram que quando Betanzos e outros, que falaram duramente dos indígenas, não pretendiam que êles fôsem realmente “brutos”, verdadeiro consenso filosófico do mundo, e isto pode ser verdade, porque é impossível saber agora exatamente o que

---

(34). — *Ibid.*, p. 127.

(35). — Victor O'Daniel, *Dominican in Early Florida* (Nova York, 1930), pp. 100-101.

(36). — Valladolid, 1560. Uma descrição e análise detalhada dêste trabalho foi recentemente feita por Luis Jaime Cisneros, “La primera gramática de la lengua general del Perú”, *Boletín del Instituto Riva-Agüero*, 1951-1952, I (Lima, [1953]), 197-264.

(37). — Ver do autor, *Spanish Struggle for Justice*, p. 12.

êles pensavam (38). Parece claro, entretanto, que alguns espanhóis — até cléricos — tinham uma opinião muito baixa do caráter e capacidade dos indígenas, pela salvação dos quais haviam deixado seus lares e viajado milhas e milhas. E é certo que a questão da verdadeira natureza dos indígenas agitou e iludiu muitos espanhóis durante o século XVI, e que tornou-se um principal ponto de discussão no tempo da conquista espanhola, dividindo e amargurando conquistadores, clérigos, e também administradores.

Quão diferente era a atitude de Zumárraga da do seu professor Betanzos!

Aos olhos de Zumárraga, os indígenas eram pobres e ignorantes, mas não era razão para desprezá-los ou depreciá-los. Uma singela ilustração disto pode ser vista no encôntro entre Zumárraga e certos espanhóis seculares no México, para que deixasse de se preocupar com a pobre e suja classes dos indígenas. “Vossa Reverendíssima não é mais jovem nem robusto, mas velho e enfêrmo”, diziam-lhe, “e o seu constante misturar com os índios pode fazer-lhe grande mal”. Ao que o Bispo indignado respondeu: “Vocês são os que têm um cheiro de diabo de acôrdo com o meu modo de pensar, e vocês me repugnam e desgostam, porque procuram apenas frivolidades e levar uma vida frouxa como se não fôssem cristãos. Êstes pobres índios têm um odor do céu para mim; confortam-me e dão-me saúde, porque exemplificam a dureza de vida e a penitência que devo esposar se quero ser salvo” (39).

O que os indígenas pensavam de seus conquistadores, de outro lado, só pode ser suspeitado pela evidência que restou. Em 1508 índios portoriquenhos decidiram determinar se os espanhóis eram mortais ou não, prendendo-os dentro d’água para ver se podiam ser afogados (40). O artista holandês Theodore DeBry retratou esta notável experiência, tão bem como as cenas dos selvagens enforcando-se ou tomando veneno em atos de suicídio em massa causados pelo profundo choque que sofreram com a perda de sua cultura. Cronistas espanhóis contam que o

(38). — Edmundo O’Gorman, “Sobre la naturaleza bestial del indio americano”, *Filosofia y Letras* (México, 1941), n.º 1, pp. 141-158; n.º 2, pp. 305-315; e de Alfonso García Gallo, *Revista de Estudios Políticos*, XXXIV (Madri, 1950), 212-220. García Gallo considera que Betanzos usa o termo *bestia* apenas com um “sentido despectivo” e que a declaração de Paulo III que êles eram “verdadeiros homens” demonstra que êles foram considerados como homens, ainda que “incapazes”. O raciocínio se torna um tanto fino neste ponto!

(39). — Jerônimo de Mendieta, *Historia eclesiástica indiana*, editada por Joaquín García Icabalceta (México 1870), pp. 631-632.

(40). — Ver do autor *First Social Experiments in America* pp. 68-69.

terror inspirado pelo notável Nuño de Guzman era tão grande no México em 1530 que os indígenas desistiram de ter relações com suas espôsas, pois aos seus filhos só estava reservada a condenação à escravidão (41). Mais tarde, o bisbilhoteiro Girolano Benzoni contou que um velho chefe da Nicarágua, Don Gonzalo, perguntou-lhe: “o que é um cristão, o que é cristianismo? Eles pedem por milho, por mel, por algodão, por mulheres, por ouro, por prata; cristãos não trabalham, são mentirosos, jogadores, perversos e blasfemam” (42).

No Perú, Benzoni escreveu que espanhóis cometiam tais crueldades que os indígenas “não acreditariam serem cristãos e filhos de Deus, como nós vangloriávamos, nem sequer termos nascido neste planeta gerados por um homem e nascidos de uma mulher; tão cruel e selvagens nos conduziámos que devíamos vir de uma linhagem do mar” (43). Quão significativa seriam essas opiniões dos indígenas nunca saberemos. A história da conquista espanhola foi escrita, em grande parte, pelos conquistadores apenas.

Enquanto os espanhóis prezavam ou depreciavam a habilidade e as realizações dos índios, estavam certos de que eles melhorariam ao ser cristianizados.

Nenhum acidente pôde concorrer com a experiência de alguns padres russos do século XIX que descobriram uma tribo nas ilhas do mar de Bering levando uma vida tão de acôrdo com os ensinamentos de Cristo que os missionários confessaram ser melhor deixá-los sós (44). Nenhum espanhol duvidava que os indígenas precisassem da mensagem cristã, ainda que discordassem vigorosamente entre eles de como isso devia ser feito.

Não só havia um grupo importante determinado a cristianizar os indígenas por persuasão pacífica, como alguns espanhóis corajosos denunciavam a crueldade de seus compatriotas. Domingos de Soto, por exemplo, protestou junto ao Conselho das Índias, numa corajosa denúncia datada de 1 de julho de 1530, que os indígenas do Perú estavam sendo tratados de forma inumana “como se fôsem animais brutos (**animales brutos**) e até pior que asnos” (45).

(41). — Silvio Zavala, “Nuño de Guzmán y la esclavitud de los indios”. *História Mexicana* (1952), n.º 3, p. 413.

(42). — *History of the New World by Girolamo Benzoni of Milan*, editado por W. H. Smyth (Londres, 1857), p. 146.

(43). — *Ibid.*, p. 253.

(44). — Carl Lumholtz, *Unknown Mexico* (2 vols., Nova York, 1902), II, 470.

(45). — José María Vargas, *Fr. Domingo de Santo Tomás. Escritos* (Quito, 1937), p. 6.

Foi justamente um mês depois que Sepúlveda invocou a autoridade de Aristóteles em Valladolid e estigmatizou todos os índios do Novo Mundo como escravos naturais.

Não era uma casual ou jocosa descrição dos índios como “cachorros” que tinha sido proibida pelas leis de Burgos em 1512. Foi uma carga mais profunda e levou à última grande disputa sobre os negócios indígenas da Espanha. Considerando em detalhes a disputa de 1550 entre Las Casas e Sepúlveda em Valladolid contra os eventos anteriores que a ela levaram, pode-se ver quão inevitável era este grande debate sobre a natureza dos indígenas que colidiu com o problema complicado das leis espanholas na América.

**(Continua no próximo número).**

**LEWIS HANKE**

da Universidade do Texas (U.S.A.).